

# LEVADA PELOS SEUS PARCEIROS

---

PROGRAMA INTERESTELAR DE NOIVAS: LIVRO 5

GRACE GOODWIN



## CONTENTS

[Chapter 1](#)

[Chapter 2](#)

[Chapter 3](#)

[Chapter 4](#)

[Chapter 5](#)

[Chapter 6](#)

[Chapter 7](#)

[Chapter 8](#)

[Chapter 9](#)

[Chapter 10](#)

[Chapter 11](#)

[Chapter 12](#)

[Chapter 13](#)

[Chapter 14](#)

[Livros por Grace Goodwin](#)

[Also by Grace Goodwin](#)

[Junte-se à Brigada de Ficção Científica](#)

[Contacte a Grace Goodwin](#)

[Sobre A Autora](#)



*J*essica Smith, Centro de Processamento Interestelar de Noivas, Terra

O odor sombrio e almiscarado da pele do meu amante invadiu os meus sentidos enquanto eu pressionava o meu rosto contra a curva do seu pescoço. Eu estava vendada, mas conhecia-o bem. Eu não precisava ver para saber que ele era meu. Eu conhecia o seu toque. Conhecia o deslizar suave dos seus cabelos dourados por debaixo das pontas dos meus dedos e a sensação do seu pau enorme abrindo-me enquanto ele me fodia com força e rápido. Eu conhecia a força dos seus braços que me levantavam pegando-me pela cintura e pousavam o meu núcleo molhado sobre ele, eu sabia que ele me penetraria bem fundo e que eu gritaria o seu nome quando ele finalmente me permitisse gozar.

Envolvi as minhas pernas ao redor de seus quadris e atirei a minha cabeça para trás enquanto ele me preenchia completamente. Destemido e forte, ele era o verdadeiro guerreiro que eu sabia que era.

Ele subia e descia o meu corpo, libertando-me para que eu deslizesse sobre o seu pau comprido. Outro par de mãos, as mãos carinhosas do meu segundo parceiro, acariciavam o colar ao redor

do meu pescoço. Eu conhecia a sensação das suas mãos, sabia que ele conseguia ser meigo e carinhoso num momento, e indestrutível e exigente no outro.

Eu sabia que os satisfazia bastante com a vista da minha boceta totalmente aberta para eles e do meu traseiro à disposição deles. O desejo dele ganhou vida dentro da minha mente através da ligação psíquica fornecida pelo colar. Mas o que me deixava verdadeiramente louca era o calor úmido que se acumulava no meu núcleo enquanto o meu primeiro parceiro entrava bem fundo dentro de mim. Apertei-o com os meus músculos internos, a sua carência tornava clara a urgência das suas investidas selvagens.

Eu conseguia sentir as emoções deles tanto quanto os seus desejos físicos; a ligação criada pelos colares que nós três usávamos era profunda e totalmente desprotegida. Não havia mentiras, não havia o negar de desejos, vontades ou necessidades. Só havia verdade, amor e prazer. Tanto prazer.

— Aceita o meu pedido, parceira? Entregue-se, livremente, a mim e ao segundo parceiro ou quer escolher outro macho primário?

A voz profunda exigia uma resposta, criando em mim um tremor que percorria a minha pele e fazia com que a minha boceta comprimisse o pau dele com uma força quase brutal. Ele gemeu com carência e eu mordi o meu lábio para conter um sorriso de satisfação. O meu parceiro primário tinha o direito de tomar a minha boceta até que eu engravidasse, mas o meu segundo? Ele tinha esperado, garantindo pacientemente que o meu corpo estivesse pronto para ser preenchido pelos meus dois parceiros ao mesmo tempo.

Não estando disposto a esperar por uma resposta, o meu segundo parceiro beijou a parte de trás do meu ombro, com uma mão roçando no meu traseiro, com uma proximidade perigosa ao lugar obscuro que ele iria tomar. A sua outra mão envolvia o meu pescoço com uma pressão suave que me fazia sentir impotente, fraca e totalmente à sua mercê. — Quer que nós dois te fodamos,

amor? Ou não?

A minha boceta ficou novamente apertada e meu parceiro primário praguejou, empurrando-me para baixo na direção do seu pau com uma intensidade firme que eu tinha começado a desejar.

— Sim. Eu aceito o pedido de vocês, guerreiros. — As palavras formais deslizaram para fora dos meus lábios com um suspiro e eu inclinei meus quadris para roçar o meu clítoris contra o corpo do parceiro primário ao mesmo tempo que oferecia o meu traseiro ao meu segundo. — Eu quero os dois. E quero agora.

As palavras irromperam para fora da minha garganta, mas elas não eram minhas. Eu não tinha controle sobre a mulher cujos sentidos eu partilhava, eu só conseguia observar, e ouvir... *e sentir*.

O meu parceiro primário imobilizou-se sob mim e eu me queixei ao perceber que me eram negadas as investidas ferozes do seu pau contra a minha boceta ávida. — Eu te tomo através do ritual de nomeação. Você é minha e matarei qualquer outro guerreiro que ousar tocar em ti.

Eu não me importava quem ele precisasse matar, eu só queria que ele me fizesse sua para sempre.

O meu segundo parceiro continuou a me beijar, descendo pela minha coluna, as suas próximas palavras não eram exigidas pelo ritual, mas elas eram para mim. Só para mim.

— Você é minha, parceira. Eu matarei qualquer outro guerreiro que ousar *olhar* para ti. — Ao dizer aquelas palavras, ele começou a introduzir o seu dedo bem lubrificado na minha entrada traseira e eu gritei. A nossa primeira vez seria rápida, visto que as nossas paixões se inflamavam com demasiado calor para nos demorarmos muito mais.

Eu queria que eles me fodessem, me preenchessem com o seu sêmen. E, depois, eu queria os meus parceiros de volta para os nossos aposentos, nus e completamente sozinhos. Eu queria demorar-me com eles. Queria roçar em todo o corpo deles, foder, provar e explorar até que os nossos odores se mesclassem num só, até que o meu corpo estivesse muito dolorido para desfrutar de

mais diversão.

Aquele pensamento trouxe-me de volta para mim mesma por um instante e eu percebi que os três amantes não estavam sozinhos no quarto. Vozes masculinas preencheram os cantos da minha consciência com um cântico suave. Eu tinha me focado tanto nos meus parceiros que os ignorei completamente, até agora, quando as suas vozes conjuntas se elevaram para preencher a sala enquanto eles falavam em uníssono.

— Que os deuses sirvam de testemunha e te protejam.

Quando o meu segundo parceiro deslizou o seu dedo para fora da minha entrada traseira e cutucou o meu buraco virgem com a cabeça larga do seu pau, os outros foram totalmente esquecidos. Quando ele deu uma investida para frente e alargou-me mais... e mais... e mais, ainda com dois paus preenchendo-me, eu soube que estava sendo verdadeiramente tomada.

— Srt<sup>a</sup> Smith.

Não, aquela não era a voz de nenhum dos meus parceiros. Esmaguei mentalmente aquela voz.

— Srt<sup>a</sup> Smith.

A voz voltou. Era a voz de uma mulher, de uma mulher austera.

— Jessica Smith!

Naquele momento sobressaltei-me, a minha mente foi arrancada daqueles dois homens que me cercavam para... não, não havia homens cercando-me. Eu estava na sala de processamento. Não tinha um pau no meu traseiro ou na minha boceta. Não tinha dois corpos fortes cercando-me. Eu não conseguia sentir o seu calor ou inalar o seu odor poderoso. O peso do colar deles não estava sobre o meu pescoço.

Abri os meus olhos e pisquei-os. Uma, duas vezes. Oh, sim. A Guardiã Egara. Uma mulher rígida e formal pairava sobre mim.

— O seu exame está concluído e o seu emparelhamento já foi feito.

Lambi os meus lábios secos e tentei acalmar o meu coração acelerado. Ainda conseguia *sentir* os homens, mas a sensação estava

se dissipando rapidamente. Eu queria ir até eles e agarrá-los, agarrar-me a eles como se a minha vida dependesse disso. Aquela era a primeira vez que eu me sentia segura e protegida, estimada e desejada. Eles nem sequer eram meus.

Então, eu ri de forma seca e a Guardiã elevou a sua sobrancelha escura.

A única vez que eu me senti segura foi num sonho. A realidade, sim. A realidade era uma merda.

— Acabou? — Perguntei. A minha voz estava um pouco áspera, como se tivesse gritado de prazer enquanto sonhava. Céus, espero que não. A sensação era como a de rressonar com um namorado novo, só que muito pior. Muito, muito pior.

Ela deve ter ficado satisfeita com o que quer que tenha visto no meu rosto, porque acenou uma vez, depois, deu a volta ao redor de uma mesa simples para sentar. Embora ela tivesse sentado numa cadeira metálica modesta, eu ainda estava presa à cadeira de processamento, vestida com uma bata de estilo hospitalar simples com o logotipo do Programa Interestelar de Noivas repetido ao longo do tecido cinzento, num padrão. Olhando para baixo, eu conseguia ver os meus mamilos, duros e eretos, através do tecido fino. Não havia dúvidas de que a Guardiã também os via, mas ela não disse nada.

— Para que conste, diga o seu nome, por favor.

— Jessica Smith. — Contorci-me na cadeira, apercebendo-me de que o meu robe estava molhado por debaixo de mim.

— Srt<sup>a</sup> Smith, é ou alguma vez já foi casada?

— Não.

— Tem algum filho biológico?

— Você já sabe as respostas para isto.

— Sim, mas é obrigatório ter uma gravação verbal efetuada antes do transporte. Responda à pergunta.

— Não, eu não tenho nenhum filho.

Ela clicava algumas vezes na tela sem olhar para mim. — Devo informá-la, Srt<sup>a</sup> Smith, que tem trinta dias para aceitar ou rejeitar

o parceiro escolhido pelos nossos protocolos de emparelhamento. — Ela olhou para mim. — Você é a terceira mulher da Terra a ser emparelhada com este planeta. Hmm.

Eu tinha as minhas dúvidas quanto ao exame e quanto a ser verdadeiramente emparelhada. Eu não tinha encontrado nenhum homem na Terra que se interessasse por mim, portanto, era um pouco deprimente o fato de eu ter de procurar por todo o universo para encontrar alguém.

Mas, então, por que é que no sonho do meu exame havia dois homens? O que havia de errado comigo para eu ter sonhado com aquilo? O meu parceiro certamente não ficaria entusiasmado por saber que eu tinha tido sonhos eróticos com alguém que não ele.

— Não poderá regressar para a Terra se não estiver satisfeita. Poderá pedir por um novo parceiro principal após trinta dias... em Prillon Prime. Deverá continuar este processo até encontrar um parceiro que seja aceitável.

— Prillon Prime?

Eu nunca tinha ouvido falar dele, mas isso não importava muito. Eu não tinha ouvido falar de muitos dos outros planetas ou sobre as raças que os habitavam. Eu estava muito ocupada com o meu trabalho e com a minha vida na Terra para sequer pensar no espaço. Mas aquilo mudou muito rápido.

— Sinto-me como se fosse uma prisioneira. Há algum motivo para eu ainda estar algemada? — Flexionei os meus pulsos e fechei as minhas mãos em punhos.

— Muitas das nossas voluntárias, como sabe, são prisioneiras.

— Então, elas não são voluntárias de verdade. — rebati.

Ela franziu os lábios. — Não vou discutir semântica contigo, Srt<sup>a</sup> Smith, mas com a sua experiência militar, deve estar ciente de que por vezes uma pessoa deve ser algemada para o seu próprio bem. Durante os exames, as mulheres muitas vezes ficam... agitadas. E nós temos de garantir a sua segurança.

— E agora? — Perguntei.

Ela olhou para os meus punhos. — Agora, servem para mantê-la

quieta para qualquer preparação ou modificação corporal que possa ser necessária antes da transferência.

— Modificações corporais? Guardiã, tire estas algemas imediatamente. — Eu consegui ouvir o pico árduo da minha voz e esperava que ela soubesse que eu não estava brincando.

Ela nem sequer se moveu. — Não se preocupe, estará inconsciente durante o processo. Você já assinou os documentos e o emparelhamento já foi feito, Srt<sup>a</sup> Smith. Por esse motivo, você já não é uma cidadã da Terra, mas sim, uma noiva de um guerreiro de Prillon Prime, e, como tal, está sujeita às leis e aos hábitos do seu novo mundo.

— Incluindo ser algemada?

Ela inclinou a cabeça para o lado. — Se isso for o que o seu parceiro deseja.

— Eu não quero ser emparelhada com um homem que me amarre!

— Jessica, você foi emparelhada com um guerreiro feroz desse mundo. Você deveria se orgulhar por ter o privilégio de se submeter a ele.

— Pensa que só por ele ser um soldado eu devo me vergar perante ele? Então, eu era o quê? Eu lutei. Eu matei.

A Guardiã parou e deu a volta à mesa.

— Eu sei, mas por vezes é bastante difícil para mulheres tão fortes como você encontrar um parceiro dominador o suficiente para lidar com as suas... hummm... necessidades.

Oh, céus, ela estava corando? A Guardiã de lábios rígidos subiu três tons de vermelho. Do que raios ela falava?

— Lembre-se, Jessica, ele também foi emparelhado contigo. Ele vai lhe dar aquilo de que precisar. É o direito dele, dever, e mais importante do que isso, privilégio. — Ela, então, sorriu, com um ar saudoso no seu olhar. — Já não terá de se esconder. Vai lutar contra ele, eu consigo ver isso, mas prometo que ele valerá o preço que terá que pagar.

— Que preço? — Para onde raios é que ela ia me enviar? Eu não

tinha concordado quanto a ser dominada por homem algum. A minha boceta comprimiu-se ao me lembrar da força da mão que estava ao redor do meu pescoço na simulação do processamento, mas ainda estava para ver homem forte o suficiente para me tomar, para vergar a minha vontade. Eu duvidava que existisse um homem assim.

— Renda-se. — Enquanto ela falava, pressionou o botão perto dos pés da minha cadeira e uma abertura num azul resplandecente apareceu na lateral da parede. Ainda presa, de forma segura, eu não pude fazer nada enquanto uma agulha larga e longa aparecia e eu tentei me contorcer, lutar contra, mas não conseguia me mexer. A agulha estava ligada a um enorme braço metálico na parede.

— Não resista, Jessica. Não vamos te machucar. O dispositivo vai simplesmente implantar suas UNPs permanentes.

A agulha picou ao ser inserida na lateral da minha têmpora, mas nada mais. Outra surgiu na parede oposta e repetiu a tarefa na minha outra têmpora. Eu não me sentia diferente, portanto, respirei fundo. A cadeira desceu, assim como no dentista, mas eu fui inserida numa espécie de banheira. Uma luz azul cercou-me.

— Quando acordar, Jessica Smith, o seu corpo terá sido preparado segundo os costumes de acasalamento de Prillon Prime e segundo os requisitos do seu parceiro. Ele estará à sua espera. — Ela parecia estar num ritual, como se já tivesse dito aquelas mesmas palavras vezes e vezes sem conta.

Prillon Prime. — Agora?

— Sim, agora.

A voz recortada da Guardiã Egara foi a última coisa que eu ouvi além do zumbido silencioso do equipamento elétrico e das luzes. — O seu processamento começará em três... dois...

Eu fiquei tensa, à espera que ela terminasse a contagem decrescente, mas uma luz vermelha acendeu-se sobre mim e ela ergueu a cabeça para o lado, olhando para a tela que eu não conseguia ver.

— Não. Isto não pode estar certo. — O franzir dela transformou-

se num ar de choque, depois, confusão, tudo isso enquanto eu esperava naquela maldita banheira azul, nua – quando é que eu fiquei nua e o que tinha acontecido com a minha bata? – e eu me sentia como se estivesse mais ou menos bêbada.

— O que aconteceu?

— Eu não sei, Jessica. Isto nunca tinha acontecido. — Ela olhou com desconfiança para o tablet do programa que estava na sua mão, os seus dedos voavam sobre a tela como se ela escrevesse uma mensagem muito longa e muito complicada.

— O que aconteceu?

Ela abanou a cabeça, os seus olhos estavam redondos e confusos. — Prillon Prime rejeitou o seu transporte.

O que aquilo significava? Rejeitou o meu transporte? O que eles queriam que eu fizesse, que fosse até eles numa nave espacial? Será que o transporte deles, ou o que quer que eles utilizavam como energia, estava avariado? — Não entendo.

— Eu também não. Eles encerraram o protocolo no lado deles. Não vão aceitar a tua chegada ou o teu direito de reivindicar o teu parceiro.



Jessica

ALGEMADA À MACA, tudo o que eu conseguia fazer era observar enquanto a Guardiã Egara digitava furiosa no seu tablet. Eu debatia-me, tentando libertar-me, mas sabia que as minhas ações eram inúteis. Cada vez que se ouvia um barulho vindo do tablet com uma mensagem recebida, a testa dela ficava mais franzida, os seus dedos se moviam mais rápido, com movimentos curtos e bruscos, como se ela quisesse dar um soco em quem quer que estava falando com ela ao longo da vasta extensão do espaço.

Aprendi a ter paciência da maneira mais dura após ter passado vários anos no serviço militar e, posteriormente, como repórter de investigação. Eu conseguia perseguir uma presa por vários dias e nunca ficar cansada da caça. Sabia qual era o momento de esperar e o momento de atirar primeiro. A agressividade não me faria chegar a lugar nenhum nestas circunstâncias, sobretudo, estando algemada, mesmo que a minha frustração fosse tão grande que eu quisesse arrancar as algemas da cadeira como se fosse o *Incrível Hulk*.

— Guardiã, por favor, diga-me o que é que está acontecendo.

Sim, assim eu soava calma. Ponto para mim.

A Guardiã mordeu o lábio, de repente pareceu bastante jovem, como sendo a mulher de vinte e tantos anos que ela era. Seus ombros caíram como se carregasse um peso e uma responsabilidade enormes nos ombros. Talvez carregasse mesmo. Era o trabalho dela supervisionar todas as mulheres – independentemente dos motivos – de modo a que elas fossem bem emparelhadas e entregues de forma segura aos seus destinos, onde quer que isso fosse em todo o universo. Quando ela finalmente levantou a cabeça para olhar diretamente para mim, eu soube pela nuvem sombria no seu olhar que as notícias não eram boas, pelo menos para mim.

Um temor sombrio e escorregadio preencheu o meu estômago.

— Eles rejeitaram você, especificamente, não todo o transporte da Terra. — Ela suspirou, e eu me senti como se tivessem acabado de dizer que eu era a garota mais feia do primeiro ano. Sim, a sensação era aquela mesmo, sem tirar nem pôr. Eu já a tinha sentido, várias vezes quando eu era aquela a quem lhe tinha sido negado algo. Amigos, namorados, trabalhos, família. Eu já devia estar habituada àquilo, mas não estava. Aquilo foi o que me tornou estúpida, me fez ter esperança. Eu não tinha percebido o quanto eu queria ser emparelhada com alguém, com alguém que fosse só para mim até aquilo me ser negado. Como de costume.

— Há outro transporte ocorrendo neste momento na nossa Unidade de Processamento de Noivas na Ásia, portanto, não é um problema do nosso sistema. Por algum motivo, não estão permitindo que você vá. A mensagem foi enviada pelo *próprio* Prime.

O *Prime*? O que raios era um *prime*?

— O meu parceiro?

Ela abanou a cabeça despreocupadamente. — Não. O *Prime*. O governador do planeta deles. O governador de Prillon *Prime*.

O seu título foi colocado por causa do nome do planeta em si e eu tinha sido rejeitada por ele. Ótimo.

— Tipo o rei deles? — Caramba! O rei deles não ia me permitir reivindicar o meu parceiro? Eu nunca cheguei a conhecer esse parceiro guerreiro com o qual tinha sido emparelhada, mas era o certo ele ser meu e, agora, tinham me negado isso, tinham extinguido o pequeno grão de esperança que havia em mim, sim, aquilo tinha sido esperança. Merda. A *esperança* que eu tinha carregado no peito tinha se esvaído e morrido. Doeu.

— Sim. Ele é o governante de vários planetas, na verdade, e é o comandante de toda a frota interestelar. — ela resmungou enquanto desviava o olhar, incapaz de olhar nos meus olhos.

Encolhi-me, com a náusea subindo pela garganta ao ouvir as suas palavras. Eu tinha sido rejeitada pelo rei alienígena de todo um planeta? Será que eu era assim tão má? Eu era um pouquinho mandona e, provavelmente, uma chata. Um pouco intensa para uma mulher, mas que mulher que gostava de dar tiros e lutar contra os maus não era? Merda. O *Prime* queria uma senhorita gentil e empertigada como parceira para um Prillon. Só podia ser por isso. Será que era?

A minha mente estava num transe, eu fiz a única pergunta que poderia ter feito. — Por quê? É por pensarem que sou uma traficante de drogas?

Eu preferia ser rejeitada por ser uma suposta traficante de drogas do que por ser uma molecote.

— Srt<sup>a</sup> Smith, eles não pensam que é uma traficante de drogas. Eles *sabem* que é uma traficante de drogas *condenada*. Mas não, eu já enviei assassinas condenadas para fora do mundo. Eu não sei por que motivo estão fazendo isso.

Ela negou com a cabeça em tristeza e apertou uma série de botões no seu tablet. Levantaram-me um pouco mais da água, o deslizar suave distraía-me enquanto eu olhava para baixo, para o meu corpo, descobrindo que todos os meus pelos tinham desaparecido. A minha cabeça doía terrivelmente devido aos novos implantes que estavam no meu crânio e a minha mente zunia com um barulho parecido com eletricidade estática crepitando um alto-

falante.

Enquanto o meu corpo era novamente colocado sobre a cadeira de exame, a Guardiã Egara trazia um cobertor seco e cinzento para me vestir. — Peço imensas desculpas, Jessica. Isto nunca aconteceu. Eu terei de enviar um inquérito formal para a Aliança Interestelar para descobrir o que se deu.

Eu estava nua, água azulada escorria pelo meu corpo, tinha um cobertor áspero sobre mim e ainda estava amarrada àquela maldita maca. Quão mais miserável eu podia ficar? — Quanto tempo vai demorar? — O zunido da minha cabeça aumentou.

— Várias semanas, pelo menos. — As palavras silenciosas dela transformaram-se subitamente numa corneta a poucos centímetros dos meus tímpanos e eu me encolhi.

Ela inclinou a cabeça quando eu me encolhi e deixou-me por um instante, voltando com um tubo de injeção, que ela pressionou contra a lateral do meu pescoço. Eu recuei.

A dor passageira valia a pena, visto que a minha dor de cabeça se dissipou em questão de segundos.

— Peço imensas desculpas pelo seu desconforto. A maioria das noivas dorme durante o processo de integração dos neuroestimuladores. — Ela observava-me, seus olhos eram suaves e redondos, mais carinhosos do que a última vez que os vi. Eu pisquei ao observar aquela mudança, depois, percebi que o que ela me oferecia não era preocupação, era pena. Eu nem sequer conseguia ser enviada para fora do planeta sem que algo corresse mal.

— O que são neuroestimuladores?

— São implantes neurológicos que permitem que a tua mente adote novas línguas e hábitos. Agora, você poderá compreender e falar qualquer língua nova dentro de apenas alguns minutos, incluindo todas as línguas da Terra. Esta tecnologia é destinada apenas àqueles que vão sair do planeta, mas visto que aparentemente você vai ficar, pode acabar por ser uma grande vantagem.

Pisquei os olhos e tentei processar o que ela me dizia. Uma

vantagem? Isto era o meu prêmio de consolação, poder falar e compreender outras línguas? — Qualquer língua?

Ela acenou uma vez, claramente satisfeita com a tecnologia, mas também confusa e decepcionada pela minha rejeição. — Com certeza. Da Terra ou da Aliança.

Visto que eu já não ia para um planeta da Aliança, eu não conseguia entender para que aquilo serviria. Eu tinha uma espécie de super-chip na minha cabeça que me permitiria compreender programas de televisão de outros países ou compreender estrangeiros no aeroporto. Ótimo. Aquilo era tudo o que eu sempre sonhei. Eu preferia receber um carro de graça ou uma viagem para o Hawaii. Ou talvez algum dinheiro.

O que teria sido melhor era ser transportada e viver o meu próprio sonho da vida real, tal como no sonho do processamento no qual dois homens poderosos cobriam o meu corpo, fodendo-me como se eu fosse a mulher mais desejável que eles alguma vez conheceram, fazendo-me sentir bonita. Desejada. Amada.

Não. Eu recebi o maldito tradutor mental.

Eu falhei com os meus amigos da agência de notícias, falhei com os meus amigos do serviço policial, falhei em provar a minha inocência no tribunal e, agora, nem sequer era digna de um macho alienígena tão desesperado por uma boceta quente e molhada que aceitariam uma assassina ou ladra como parceira, mesmo sem vê-la primeiro. Mulheres – criminosas – eram enviadas às centenas para o Programa Interestelar de Noivas ao longo dos últimos anos. As mulheres que eram presas e processadas eram de todos os tipos. Viciadas em drogas e traidoras. Ladras e assassinas.

Todas estas mulheres tinham viajado às estrelas, encontrado novos lares e novas vidas com machos alienígenas desesperados por obter noivas através do programa. Aquelas mulheres tinham começado do zero, tinham recebido uma nova oportunidade.

Eu? Eu não. Eu recusei um suborno, fui incriminada por um crime que não cometi e, agora, tinha sido rejeitada não pelo parceiro que foi emparelhado comigo, mas pelo maldito rei de todo

um planeta.

Este, certamente, não era o meu melhor dia.

— Agora, o que é que eu faço?

A Guardiã Egara inclinou a cabeça e suspirou. — Bom, o teu serviço voluntário para o programa de noivas era tudo o que era necessário para cumprir com os termos da condenação penal. Visto que nunca ninguém foi rejeitado antes, isto é uma lacuna na qual você caiu e que muito provavelmente será retificada. Presumo que no futuro, uma mulher rejeitada tenha de ir para a prisão. Por agora, não há regras relativas a uma pena alternativa, portanto, cumpriu todos os requisitos da tua sentença.

— Quer dizer que...

— Está livre, Srt<sup>a</sup> Smith.

Ela levantou a ponta do cobertor e limpou várias gotas do líquido azul do canto do meu olho, onde começaram a acumular-se e a deslizar, escorrendo pelas minhas bochechas em forma de lágrimas.

Eu estava livre. Não havia sentença. Nem prisão. Nem um bonitão de fora do planeta.

— Vá para casa.

Eu não queria ir para casa. Eu não tinha casa. Nem trabalho, nem amigos e nem futuro. Visto que eu deveria ir para uma *galáxia muito distante*, as minhas contas bancárias tinham sido limpas, a minha casa vendida. Quando uma mulher é enviada para fora do planeta através do programa de noivas, os pertences dela são divididos como se ela tivesse morrido. Morrido e partido, para nunca mais voltar. Eu não tinha ninguém para declarar a minha torradeira ou o meu sofá velho, portanto, eu tinha que presumir que tudo seria doado para a caridade.

Eu era a primeira noiva a ser mandada para casa como se fosse um cão, com o rabo entre as pernas, indigna para um parceiro alienígena.

Se eu saísse pelas portas do centro de processamento e passeasse o meu rosto pela cidade? Bom, os idiotas que armaram

essa cilada para mim enviariam os seus capangas para terminar o que começaram. Se eles soubessem que eu ainda estava na Terra, eu teria um preço pela minha cabeça dentro de algumas horas.

Mas, mais uma vez, eu não era uma princesa mimada. Eu tinha uma mochila de viagem, alguma roupa guardada e dinheiro que um amigo meu do serviço de inteligência internacional tinha me convencido de que era necessário para a minha sobrevivência. Graças a Deus que eu lhe dei ouvidos. Tudo o que eu tinha que fazer era recuperar a minha caixa de armazenamento da qual ninguém sabia e podia recomeçar. Eu estava livre. Sozinha. Miserável. E magoada. Mas livre para fazer o que eu queria fazer... como, por exemplo, expor um grupo de políticos e policiais corruptos.

Os malditos fraudulentos pensavam que eu tinha partido para fora do planeta. Que já não era problema deles. Talvez aquela fosse a única coisa boa que ia me acontecer hoje.

Eu balancei as minhas pernas para fora da maca e sorri, subitamente preenchida por uma alegria inesperada. Eu podia não ser boa o suficiente para um maldito alienígena, mas era bastante boa com uma lente teleobjetiva. Eu pensava nela como se fosse o meu estilo pessoal de espingarda. Uma imagem perfeita era todo o necessário para dar cabo de alguém, expor suas mentiras, arruinar suas vidas. Se a minha câmera era uma arma, então, eu tinha uma lista de quase um quilômetro de pessoas para abater. Se eu seria um fantasma enquanto o fazia, uma pessoa que nem era para *estar* na Terra, então, isso era ainda muito melhor.

Eu saltei para fora da maca, apertando o cobertor para que ficasse fechado ao meu redor, mas tive que repensar no movimento súbito que fiz quando senti a sala girar. Os braços da Guardiã Egara se lançaram para me segurar e eu acenei agradecendo.

Era hora de partir, mas havia uma coisa que o meu lado masoquista insistia em saber. Se eu ia deixar aqui nesta sala a minha oportunidade de sair do planeta, então, eu queria saber. —

Qual era o nome dele?

A Guardiã Egara franziu a testa. — De quem?

— Do meu parceiro?

Ela hesitou, como se fosse divulgar segredos de estado, depois, encolheu os ombros. — Príncipe Nial. O filho mais velho do *Prime*.

Eu ri, porque se eu tivesse saído da Terra teria me tornado verdadeiramente numa princesa. Emparelhada com um príncipe alienígena, em vestidos de baile e sapatos ridículos, com os meus longos cabelos loiros domados não por um rabo de cavalo normal, mas por presilhas decoradas com joias e tranças elaboradas mais adequadas ao meu status real. Céus, eu teria que usar rímel e batom, visto que a minha tez pálida não era tão bonita com a cara limpa.

Uma princesa? De modo algum. Talvez esse tenha sido o motivo de eu ter sido rejeitada. Eu *não* era de modo e forma alguma uma *Cinderela*.

— Creio que tenha sido melhor assim, Guardiã. Eu não sou o tipo de garota que sirva para princesa. — Eu era mais hábil com uma adaga do que com um palavreado polido de político, era mais apta com uma espingarda do que na pista de dança. E isso, tristemente, era a simples constatação dos fatos. Quem quer que fosse esse tal Príncipe Nial, ele tinha se safado e bem.

De mim.

Talvez esse príncipe ficasse muito melhor sem mim. Aquilo não significava que lá no fundo, onde as emoções daquela outra mulher na cerimônia de reivindicação se mantinham, no sonho onde, há alguns momentos, eu sabia o que era ser desejada, amada, fodida e tomada pelos parceiros dela, não significava que isso tudo não doía.



*PRÍNCIPE NIAL DE PRILLON PRIME, a bordo da Nave de Combate de Deston*

ENQUANTO EU IA ATÉ A TELA DE VISUALIZAÇÃO PARA FALAR COM O MEU PAI, sentia-me dormente. Eu me sentia como se o meu corpo não pesasse quase nada, não mais do que uma criança. Era mais fácil lidar com o meu pai se eu não apresentasse nenhuma emoção.

Os implantes que os ciborgues injetaram no meu corpo durante o meu tempo numa Câmara de Integração da Colmeia eram microscópicos e impossíveis de remover sem me matar. Portanto, eu era considerado contaminado, um perigo para os homens sob o meu comando e para as pessoas do meu planeta. Eu devia ser tratado como um charlatão altamente perigoso. Pelo menos isso era o que todo mundo pensava. Os guerreiros que eram contaminados pela tecnologia da Colmeia normalmente eram banidos para as colônias para viver o resto das suas vidas fazendo trabalhos árduos. Eles não tomavam noivas. E não se tornavam Primes dos mundos gêmeos de Prillon.

O meu direito de nascimento, como herdeiro do *Prime* e príncipe do meu povo, tinha me impedido de ser banido imediatamente para as colônias, mas havia uma coisa com a qual eu me preocupava mais do que isso e não era a pessoa que preenchia a tela perante mim.

Eu observei cuidadosamente a expressão vazia do homem que tinha o dobro da minha idade. Ele era bastante parecido comigo, só que mais velho e sem implantes de ciborgues. Ele era enorme, com um rosto feroz e uma armadura feita sob medida e concebida para fazê-lo parecer ainda maior do que o seu porte corpulento de dois metros. Ele era o *Prime* de dois planetas de guerreiros enormes. Ele tinha de ser forte. Uma pitada de fraqueza e os seus inimigos o derrubavam.

Neste momento, eu era a sua fraqueza. Eu era o filho charlatão que tinha se transformado numa ameaça ciborgue perigosa.

— Pai. — Inclinei a minha cabeça ligeiramente, cumprimentando-o, apesar da raiva que percorria o meu corpo. Ele podia ser o meu progenitor biologicamente, mas não era um pai para mim.

— Nial, eu falei com o Comandante Deston. Preenchi uma ordem formal para que seja transferido para as colônias.

Rangi os meus dentes para conter a minha resposta imediata. Tudo isso graças ao fato de estar dormente. Portanto, o meu status como herdeiro legítimo ao trono não me impediria totalmente de ser banido. Ele não se importava minimamente com o fato de eu ser seu filho. Eu estava danificado, destruído pela Colmeia e não era *digno* de ser um líder. De ser o filho dele.

Alguém lhe passou um tablet e ele leu atentamente o seu conteúdo enquanto falava comigo, não se importando em olhar para cima. — Vou partir para a frente dentro de alguns dias para visitar os nossos guerreiros e avaliar as condições de várias naves de combate antigas. Espero que a tua transferência tenha sido concluída até o meu retorno.

Inspirei fundo e tentei manter o meu tom de voz tão neutro e benigno quanto o dele. — Compreendo. E a minha noiva? Ela deveria chegar pelo transporte há três dias.

— Você não tinha o direito de solicitar uma noiva. Eu tinha um acordo com o Governador Harbart. Você deveria tomar a filha dele como parceira.

Não pude evitar a forma como as minhas mãos agarraram a cadeira que estava diante de mim.

— Harbart era um covarde idiota que planejava me matar e a noiva do Comandante Deston. Por que eu tomaria a filha dele?

O *Prime* ergueu uma sobrancelha e chegou mesmo a olhar para mim, como se estivesse confuso. — Essa pergunta agora é irrelevante tendo em conta que você é... inadequado para tomar uma parceira. Não vai tomar ninguém. O transporte da tua noiva da Terra foi negado, como é óbvio. Não é permitido a nenhum guerreiro contaminado a honra de ter uma noiva. Você sabe disso. A esta altura, ela provavelmente já foi emparelhada com outro guerreiro que não esteja...

A voz dele falseou e ele inclinou a sua cabeça, estudando-me. Deixei que ele me observasse. Se ele fosse um pai *de verdade*,

olharia para além das modificações ciborgue da Colmeia e veria que eu ainda era a mesma pessoa, ainda era o seu filho. *Ainda* era o príncipe.

— Que não esteja o quê?

Aquela era a primeira vez que ele me via desde o meu resgate da Colmeia. Com os braços cruzados, deixei que ele observasse o brilho metálico ligeiro na pele do lado esquerdo do meu rosto, a coloração prateada estranha da íris do meu olho esquerdo de agora, que antes era de um dourado escuro. Eu tinha deixado os meus antebraços despídos propositalmente para que ele pudesse ver a folha fina de biotecnologia que tinha sido transplantada em metade do meu braço e parte da minha mão esquerda. Eu queria que ele visse tudo, e que ainda assim visse a *mim*.

Os olhos dele pairavam no meu braço. — Os implantes e os transplantes de pele metálicos não podem ser removidos?

A minha esperança ridícula morreu com aquela única pergunta. Eu pensei que *talvez* nada daquilo importasse, mas não. Ele só via aquilo que a Colmeia tinha feito, não o seu filho.

— O Dr. Mordin disse que os transplantes são permanentes. Eles teriam que retirar todo o meu braço para retirá-los.

— Entendo.

— Será que entende mesmo, pai? O que você vê? — Ele não tinha visto os outros transplantes da Colmeia que cobriam metade do meu ombro esquerdo, a maior parte da minha perna esquerda e parte das minhas costas. Eu conseguia ver pela frieza nos seus olhos que o que ele tinha visto já era o suficiente.

O meu pai, o homem que eu nunca amei, mas que respeitei e passei toda a minha vida tentando agradar, balançou a cabeça.

— Eu vejo um guerreiro que já foi o meu filho. — Ele inclinou-se para trás na sua cadeira, e o olhar nos seus olhos tornou-se ainda mais frio. — Você será retirado da lista de herdeiros e transferido para as colônias. Peço desculpa, filho.

— Filho? *Filho?* Ousa me chamar de filho na mesma frase em que me bane para as colônias? — Ergui o meu tom de voz. Não

*image  
not  
available*

repassei aquela gravação até ela ficar gravada na minha alma. Apreendida. Até eu ter memorizado cada pedacinho da foda cerimonial deles.

Eu faria a minha parceira gritar, como eles tinham feito. Eu a faria estremecer e implorar para que o meu pau a preenchesse.

Testemunhar a cerimônia foi uma honra que não me foi negada pelo meu primo, o Comandante Deston. Eu tinha visto a forma como tanto ele, quanto o seu segundo, Dare, foderam Hannah, como se fossem dois homens selvagens. A sua noiva humana amou o cuidado deles, implorou por mais, olhou para os seus guerreiros como se eles fossem o ar que ela respira, o bater do seu coração.

Lembrei-me da outra cerimônia que testemunhei, esta durante o exame do centro de processamento. Foi o sonho que me emparelhou com a minha parceira. Os homens desse sonho tinham sido exigentes, dominadores e devotos. Visto que a minha parceira tinha sido emparelhada comigo através do mesmo sonho, eu sabia o que ela precisaria que eu fizesse. E que o meu segundo fizesse.

Eu queria aquele tipo de ligação que tinha visto em ambas as cerimônias, e eu a teria.

Eu tinha uma parceira emparelhada comigo. Uma mulher que tinha passado pelo processamento e tinha sido emparelhada comigo. Que tinha sido emparelhada naquela maldita cerimônia excitante de emparelhamento. O emparelhamento do Programa Interestelar de Noivas era quase cem por cento perfeito. Aquilo não deixava dúvidas quanto ao fato de aquela mulher ser a certa para mim. Eu não tinha um segundo, nem um trono e nem um futuro, mas nada daquilo importava. A única coisa – a única *pessoa* – que importava para mim era essa mulher na Terra, que era a minha parceira. O meu pai lhe tinha negado o transporte. Aquilo não anulava o emparelhamento, a ligação que partilhávamos. O que só me fazia desejá-la ainda mais. Eu não seria impedido de possuí-la. Tinha que me perguntar sobre o que ela pensou sobre mim quando foi rejeitada. A dor deve ter sido semelhante à raiva que ardia dentro de mim ao ouvir sobre a intromissão do meu pai.

*image  
not  
available*

príncipe mimado que queria brincar nas guerras, mas que não compreendia totalmente o preço dela. Eu já não era aquele homem. Deixei o comandante e curvei-me perante a sua noiva. — *Dama Deston*.

— Boa sorte. — Ela inclinou-se para frente nas pontas dos pés e deu-me um beijo na bochecha, na minha bochecha esquerda. Aquela atitude convenceu-me ainda mais do que tudo de que uma noiva da Terra era a minha única chance de encontrar uma fêmea que me aceitaria como eu sou agora.

O seu segundo parceiro, Dare, olhou-me e eu invejei aquele brilhinho prateado nos seus olhos. Ele também tinha sido capturado. Mas sendo o herdeiro do *Prime*, eles priorizaram-me na Colmeia e começaram o seu trabalho em mim. Dare tinha escapado à tecnologia deles com apenas um pouco de prateado num dos olhos, algo que apenas aqueles que eram próximos a ele sabiam.

Dare estendeu-me o seu braço, e eu tomei-o. — Como vai proteger a tua parceira sem um segundo? — Ele continuou agarrado a mim, mesmo eu já o tendo largado. — Devia escolher um segundo, Nial. Leve-o contigo.

— Eu sou um forasteiro, um contaminado. — Neguei com a cabeça. — Não poderia pedir isso a nenhum guerreiro. Ainda não.

Ainda assim, Dare continuou agarrado a mim. — Pedir o quê? Para proteger e cuidar de uma noiva linda? Para partilhar o corpo dela e fodê-la até ela gritar enquanto goza? — Ele sorriu e viu Hannah corar. — Confia em mim, Nial, ser um segundo parceiro não é nenhum sofrimento.

Eu sabia que o que ele dizia era verdade ao ver a sua – deles, na verdade – cerimônia de emparelhamento na minha mente.

Talvez o que ele dizia fosse verdade, mas eu era um contaminado que estava prestes a infringir as leis Prillon e viajar para um planeta restrito. Eu tinha sido emparelhado com uma noiva que não me conhecia e que, muito provavelmente, sairia correndo e gritando ao avistar pela primeira vez as minhas feições arruinadas. Eu não conseguia pedir a nenhum guerreiro para que

*image  
not  
available*

importaria. Ela é minha e eu não desistirei dela. Eu vou conquistá-la, quer leve uma semana ou um ano, mas ela vai ceder.

---

*JESSICA, Terra*

Agachei-me no telhado, mirando os policiais da Agência de Combate às Drogas através das longas lentes da câmera que estava escondida na minha mochila. O meu alvo estava sentado sob um guarda-sol, um de entre sete mesas num Café com jardim privado no coração da cidade. Eu estava vestida com a minha roupa de reconhecimento habitual, camisa preta e calça.

Os policiais eram convidados do cartel, a presença deles era a prova da natureza suspeita deles e a prova de que eles faziam parte da gangue. Era a prova de que eu tinha sido incriminada. O local estava fortemente vigiado com capangas rondando o terreno, armados, e mais homens varrendo o telhado a cada hora.

O que significava que eu tinha cerca de quinze minutos para me mandar daqui ou seria apanhada.

Uma mulher ajoelhou-se no cimento entre as pernas de um dos homens, dando-lhe um boquete por debaixo da mesa enquanto ele bebericava whiskey e gozava com o seu amigo. Ele nem sequer parou de falar enquanto a mulher drogada engolia profundamente o pau dele e brincava com as bolas dele. Toda a área estava abarrotada de traficantes de drogas, ladrões e prostitutas que os serviam, as escravas deles.

Eu não tinha certeza de quem era pior, a mulher que morreu devido à overdose de droga inicial por causa da bomba-P ou os sobreviventes obrigados a fazer trabalho escravo para conseguir mais uma dose.

Eu não tinha comido uma refeição completa por dois dias, o meu corpo estava desidratado e o meu estômago estava

*image  
not  
available*

vomitei e vomitei durante horas, cada orgasmo só me oferecia um alívio momentâneo. A tortura tinha durado pelo menos a maior parte da noite e agora eu sabia exatamente de quem era a culpa. O meu dedo contraiu-se devido ao gatilho e ele deve ter notado, porque levantou as mãos no ar sinalizando que estava rendido.

— Calma.

— Eu confiei em você. — Só de pensar em matá-lo me dava uma vontade enorme de vomitar em minhas botas, mas eu o faria. Ele não merecia viver, mas eu precisava que ele confessasse. Só matá-lo não era o suficiente. A minha câmera estava pousada na borda da lareira, gravando tudo o que acontecia naquela sala, cada maldita palavra. — Por que fez isso?

— Fiz o quê? — Ele olhou-me nos olhos, calmo e sem pressa enquanto se movia para se sentar na sua poltrona reclinável favorita, a que costumava ter uma arma secundária enfiada entre a almofada do braço direito e o lugar. A arma agora estava guardada em segurança dentro do meu bolso, mas ele não sabia disso.

— Você sabe, a cilada que armou para mim. Aquela dezena de mulheres inocentes que matou. O negócio que fez com o cartel. Vender a tua cidade.

A mão dele moveu-se para o espaço entre as almofadas e eu sorri ao ver os olhos dele mudarem de vazios para completamente furiosos enquanto ele se apercebia de que a arma tinha desaparecido. Ele suspirou e levantou a mão para cruzar os braços sobre o peito.

— Faça o que quiser, Jess, mas não vai arrancar uma confissão de mim. Eu não fiz nada de errado.

Eu ansiava por matá-lo à queima-roupa, meter-lhe uma bala no peito do tamanho do Texas, mas algo me impediu.

Céus, por vezes ter uma consciência era horrível, não que este homem fosse compreender o que isso significava. Eu tinha matado durante o meu período no Médio Oriente, mas tinha sido obrigada a fazê-lo. Era matar ou morrer. Aquilo era diferente. Mas isto? Isto era homicídio a sangue frio.

*image  
not  
available*

contra um peito enorme. Surpresa, olhei para cima, muito para cima, vi a pele prateada e gritei.

*image  
not  
available*

sobrevivência. Mas eu aceitaria esta frágil ligação que havia entre nós, por ora. Pelo menos ela me permitiria cuidar dela, levá-la a um lugar seguro e tratar das suas feridas.

Frustrado por perder a minha presa, mas decidido quanto a tomar conta da minha parceira primeiro, eu permiti que o batedor fugisse, mas arquivei as suas características na memória para caçá-lo mais tarde. Ele *iria* morrer; era só uma questão de tempo.

Inspecionei a área para me certificar de que não havia mais ameaças antes de pegar a minha parceira no colo. Ela parecia estar perfeitamente embalada contra o meu peito, sem nada além da roupa fina e primitiva da Terra para impedir o calor das suas curvas suaves de penetrar no meu corpo subitamente arrefecido. Desci o meu rosto até os seus seios, respirei o cheiro quente da sua pele, o cheiro dela inflamava um fogo no meu corpo que eu mal conseguia conter. O meu pau endureceu dolorosamente e eu rosnei em tom de aviso enquanto ela se contorcia, esperneando. Eu pressionei os meus lábios na curva do seu seio através da camisa suave e ela congelou.

— O que está fazendo? Ponha-me no chão!

Hesitei quanto a afastar-me dos globos suaves, mas obriguei-me a levantar a cabeça. Ignorei os protestos dela e comecei a caminhar na direção do ponto de encontro que eu e Ander tínhamos combinado, junto a um parque próximo daqui. Tínhamos posicionado o veículo da Guardiã Egara ali. Ao chegar ao centro de transporte, a Guardiã ajudou-nos a localizar roupas e dispositivos de comunicação primitivos que os humanos chamam de telefones. O meu estava no bolso do casaco, e agora, tinha começado a zunir.

Toquei no estranho dispositivo que a Guardiã tinha colocado no meu ouvido e tinha programado para cada um de nós e eu aguardava pela mudança de som que eu sabia que significava que o dispositivo de comunicação tinha sido ativado.

— Fala.

A voz de Ander fez-se ouvir claramente. — Dois batedores da Colmeia estavam na residência do macho humano. Matei os dois.

*image  
not  
available*

fala comigo sobre ser um segundo? O que raios é isso? E, depois, também há a questão da promessa de matar os meus inimigos. Eu não conheço nenhum alienígena, quanto mais ter inimigos alienígenas. E aquela recompensa? Eu não sei quem ele é, nem o porquê de ele falar sobre me dar prazer e...

A voz dela sumiu assim que ela olhou nos meus olhos.

— Foder? — Eu presumia que ela conseguisse ver a minha necessidade de fodê-la só de olhar nos meus olhos, visto que eu não fiz nada para esconder o desejo que sentia por ela. Ela precisava ver diretamente a ligação que nós tínhamos, a carência quase desesperadora que eu sentia por ela. O programa de emparelhamento era verdadeiramente fantástico, visto que eu não sentia dúvida nenhuma de que ela era a minha parceira. Eu o senti quando olhei para ela. Foi confirmado pela sensação que senti ao tê-la nos meus braços. A nossa ligação estaria completa quando chegássemos à cerimônia de emparelhamento. Eu não precisava de um colar em volta do meu pescoço ligando-me fisicamente a ela para saber que estávamos ligados, destinados a ficar juntos. Eu tinha acabado de fazê-lo e era verdadeiramente fantástico.

Céus, eu queria afundar o meu pau no corpo dela e fazê-la gritar. Queria ver os seios dela tremer e balançar. Queria-a totalmente louca enquanto eu a fazia gozar uma e outra vez. Eu precisava da boceta dela pingando, precisava da minha língua enterrada nela e os meus dedos explorando seu traseiro enquanto a fazia gemer, implorar e render-se a mim.

— Sim, foder. Isso também.

Eu tinha esquecido completamente sobre Ander, que estava do outro lado da conversa até que a resposta suave dela o fez rosnar de desejo. Os olhos dela se arregalaram, mas Ander se recuperou rapidamente, o seu tom entrecortado ouvia-se bastante bem pelo fone.

— Pegue o veículo e cuide da nossa parceira. Eu vou eliminar a ameaça e me juntar a vocês nas instalações de transporte.

Ele desligou e eu disse ao meu pau para se acalmar. A minha

*image  
not  
available*

continua a me chamar de parceira? É da Austrália ou algo do gênero? Porque se for, está muito longe de casa. — Ela pressionou o seu corpo contra o meu ombro. — Tem de me pôr no chão. Eu não sou uma boneca.

— Eu não sou do continente australiano. Eu sou o Príncipe Nial de Prillon Prime, o parceiro emparelhado contigo.

O corpo dela congelou, os olhos se arregalaram com uma emoção que eu não conseguia decifrar. — Mas... mas... isto é alguma piada? Porque eu não estou achando graça nenhuma.

Sorri ao ouvir o tom combativo dela, abaixei a minha cabeça ao ponto de os nossos lábios quase se tocarem e sussurrei: — Você não é um brinquedo de criança, mas é minha para que eu brinque contigo e para que eu te tome. É suave e tem curvas. O teu cheiro faz o meu pau ficar duro e a minha cabeça zunir. Sinto o cheiro da tua boceta e sinto-me satisfeito por ter ficado molhada e ávida ao ouvir os votos do teu segundo quanto a eliminar os teus inimigos. Eu, também, peço-te o direito de te proteger e cuidar de ti, tal como quer e precisa que eu o faça. É uma parceira digna. Foi emparelhada e tomada, Jessica. O sonho da cerimônia de emparelhamento, aquele no qual os dois homens dominavam a sua parceira? Posso te dizer pelo teu olhar que está ciente do que falo. Isso foi o que nos emparelhou. Eu sei o que você precisa. E Ander vai ajudar a satisfazer isso. Juntos, vamos te dar prazer. Eu viajei pela galáxia para chegar até ti, parceira. Eu não vou te largar. *Você é minha.*

Jessica Smith abriu a boca para discutir comigo e eu beijei-a e planejava fodê-la; com força, rápido e profundamente. Eu não lhe dei chance de recuperar o fôlego. Não queria que ela respirasse. Eu queria que ela sentisse, tivesse fome, se submetesse.

*image  
not  
available*

Ele sorriu e começou a andar com o carro. Nós não estávamos longe do centro de processamento de noivas, se era para lá que ele planejava me levar. Não me importava muito para aonde íamos agora. Ele não parecia querer me machucar, o que era mais do que eu podia esperar da maioria dos homens que perambulavam pela cidade. Se Clyde soube sobre a minha investigação, então, os outros também sabiam. Ninguém ia procurar por mim no centro de processamento visto que ninguém tinha ouvido falar que eu tinha ido para lá, portanto, era uma boa escolha quanto a um local para me esconder. Depois da minha interação prévia com a Guardiã Egara, eu confiava nela o suficiente para, pelo menos, verificar as minhas feridas.

Um hospital estava fora de questão. Eu estaria morta antes que eles pudessem registrar as informações relativas ao meu seguro no sistema de computador. O cartel tinha olhos e ouvidos por todo lado. Com Clyde morto, eu não tinha que me preocupar quanto a dizer aos seus amiguinhos do cartel que eu ainda estava aqui, na Terra; mas, assim que eu aparecesse num sistema do hospital, eles viriam atrás de mim. Eu sabia demais.

Fechei os meus olhos e inclinei a minha cabeça contra a janela, eu estava esgotada emocionalmente para fazer mais do que fechar os meus olhos e tentar entender o que raios se passava. A morte de Clyde tinha doído, mas não tanto quanto ser traída por ele. Eu ainda estava processando aquilo, e a dor, a sensação de perda da inocência, fazia-me ter vontade de chorar. Ele tinha sido como um pai para mim e eu tinha confiado totalmente nele. Agora, eu me sentia completamente idiota, como uma menininha tonta que admirava o seu pai com uma confiança total por ser muito ingênuo, nova e imatura para reconhecer que o homem que segurava a sua mão era um monstro.

Clyde tinha sido o meu oficial de comando durante dois anos. Ele tinha me colocado debaixo da sua asa, tinha me treinado para saber atirar e me proteger sozinha, encorajou-me a sentir-me invencível, a lutar. Ele me tinha feito acreditar que estávamos

*image  
not  
available*

anos. O meu pai foi policial, foi assassinado no meio de um negócio de drogas que correu mal quando eu tinha dezesseis anos. A minha mãe morreu de câncer quatro anos mais tarde. Eu tinha crescido sem irmãos e muito foda para a vida. Eu sabia quem eu era e eu *não* era o tipo de mulher pelo qual um homem – ou alienígena – viajava todo o universo para ter. Céus, nenhum homem foi sequer até o outro lado da cidade por mim. Os meus pais tinham vivido num mundo de verdade. Eu tinha ouvido falar de drogas, prostituição e corrupção antes do meu décimo aniversário. Por causa disso, eu sabia o quão importante era a luta pela justiça.

Sem pessoas boas a lutar por este mundo, ele iria sucumbir mais cedo ou mais tarde. Eu conseguia ver a corrupção, a destruição e o mal na base estrutural da sociedade. Saber que eram homens como Clyde que simplesmente pioravam o mundo, fazia-me ferver de raiva e frustração. Eu tinha sido uma lutadora. Tinha rastreado dinheiro das drogas, escrito relatórios denunciando sobre a corrupção em cada nível da sociedade e tinha me recusado a ser comprada.

E a minha recompensa? Ter sofrido uma armadilha, ter sido considerada culpada e condenada a servir uma pena de prisão perpétua como noiva de um guerreiro alienígena que nunca conheci.

E nem ele me quis! Sim, eu era estranha. Teimosa. Com uma personalidade forte. Muito alta, muito grande e super direta. Eu tinha me juntado ao exército para aprender a lutar utilizando o meu corpo e tinha ido para a universidade para aprender a lutar utilizando a minha mente. Eu não jogava limpo, não mentia e não aturava homens estúpidos. Nunca.

Este cara aparece aqui, ele e o amigo agindo como se fossem Homens das Cavernas, lançando-se para me salvar dos maus e eu fico toda excitada e molhada?

O que raios se passava comigo? Eu não precisava que um homem me resgatasse. Eu não precisava de homem para nada. Nem mesmo para sexo, não quando um vibrador de confiança

*image  
not  
available*

Peguei na correia da minha preciosa câmera do meu pescoço e passei-a pelo meu pescoço, retirando-a, e colocando ela e as provas que ela continha sobre o chão, entre os meus pés. Percebi que estava exagerando para cima dele, mas eu não queria saber. Eu tinha acabado de levar um tiro de um grande amigo meu e sido perseguida por uma daquelas coisas. O batedor da Colmeia – seja lá o que for isso – queria me levar para alguma coisa que eles chamavam de núcleo. Por quê?

— Você faz muitas perguntas, parceira.

— Eu não sou a tua parceira. — rebati. — Responde à pergunta!

Ele rosnou! Ele literalmente rosnou para mim, os olhos dele brilhavam enquanto levantava uma das mãos do volante e enfiava-a dentro da parte da frente da calça. Ele acariciou o pênis dele, uma, duas, três vezes antes de retirar a mão e chegá-la perto de mim.

*Eww!* O quê?

Eu me afastei da mão enorme dele, mas não tinha para onde fugir naquele carro minúsculo e ele era gigante. Ele agarrou o meu braço desnudo e eu senti algo úmido deslizar sobre a minha pele. *Que nojo!* O que raios ele estava fazendo?

Eu empurrei-o, tentando resistir ao seu toque pervertido, mas a mão dele parecia uma prensa. Uma mão gentil, mas que não iria me largar. Por alguma razão ridícula, ele estava impedindo-me de limpar o seu pré-sêmen da minha pele. Porque era isso que ele fazia, tinha de ser.

— Que merda está fazendo? — gritei.

— Partilhando a minha essência com a minha parceira.

— Você é louco ou completamente pervertido? Sim, o beijo foi bom e tal, mas a maioria dos caras não bate uma na frente de uma mulher que não conhece de modo nenhum. Portanto, vou perguntar novamente. Mas. Que. Merda?

Ao invés de responder, ele sorriu para mim. O olhar que ele me deu assustou-me mais do que qualquer coisa que eu tenha visto hoje. Era um olhar de total e completa possessão. — Certificando-

*image  
not  
available*

perto de mim, era um chamariz que eu parecia não conseguir ignorar. Eu não *queria* ser colocada no chão e isso significava o quê? Que eu tinha batido com a minha cabeça? Que eu estava perdendo tanto sangue que estava em delírio?

Que eu estava enlouquecendo?

O meu corpo tremia, os três passos que eu tinha dado mostravam que eu estava verdadeiramente muito mais fraca do que eu pensava.

Nial carregou-me até as portas da frente do centro de processamento e apertou no botão de chamada que estava no exterior do edifício. Abriram-nos imediatamente a porta, como se a Guardiã estivesse esperando pela nossa chegada.

Assim que as portas se fecharam atrás de nós, eu cedi ao meu desejo, pressionando o meu nariz contra a pele quente do pescoço de Nial e afogando-me no corpo quente, sombrio e almiscarado dele. Gemi e fechei os meus olhos ao sentir o seu cheiro paradisíaco. Era uma forma excelente de me distrair da dor que parecia piorar a cada segundo.

Abri os meus olhos quando ouvi passos apressados. A Guardiã apareceu vestida com jeans e uma camisa ao invés do seu uniforme habitual da Aliança. O cabelo dela estava solto ao redor dos seus ombros e eu franzi a testa, percebendo que ela não era muito mais velha do que eu.

— Você é muito bonita.

De onde é que tinha saído aquela frase? Será que eu também estava bêbada?

Ela corou, obviamente satisfeita com os meus comentários, os olhos dela se lançaram sobre o rosto de Nial, e depois desviaram-se rapidamente, como se ela estivesse desconfortável na presença dele. Talvez estivesse. Talvez ela o quisesse para si. Eu não podia culpar a mulher por isso. Se ela sentisse metade do... desejo que eu sentia por ele, ela provavelmente ia querer saltar para os seus braços também.

— Obrigada, Jessica. — Ela olhou para o meu corpo, de cima a

*image  
not  
available*

Uma mão quente envolveu totalmente a minha, embrulhando a palma trêmula da minha mão e apertando-a. Nial. Eu lutava pela minha vida enquanto ela escavava o meu corpo como se estivesse amaciando um bife, e não retirando estilhaços.

— Vocês não têm alguma coisa para me anestésiar? Lidocaína ou... — Ela apunhalou fundo e eu inspirei o ar entre os dentes comprimidos. — whiskey?

— Não posso. Desculpa. — A voz dela era calma e sincera enquanto continuava a cutucar-me. — Esses medicamentos vão interferir com a varinha ReGen.

Eu não fazia a mínima ideia do que era uma varinha ReGen e não me importava particularmente com isso. Mas comecei a contar na minha cabeça, lentamente, até cem. Esta não era a minha primeira vez numa maca e não era o pior ferimento com o qual eu já tive que lidar. Doía como tudo, mas eu ia sobreviver. As cicatrizes no meu corpo eram prova suficiente de que eu conhecia isto por experiência própria. Ainda assim, todas estas cicatrizes, todos estes defeitos eram mais um motivo pelo qual eu nunca me sentiria confortável estando nua perto de um homem...

Eu abri os meus olhos então, curiosa para ver a reação de Nial às cicatrizes que estavam nas minhas costas e quadris. Como eu esperava, vi o seu olhar viajar desde um retalho cor-de-rosa de um tecido cicatrizado para outro. Eu esperava ver curiosidade ou nojo. Não raiva.

— Quem te machucou, parceira? — O olhar dele se voltou para o meu, o seu queixo se comprimiu. As veias do seu pescoço e têmporas se avolumaram em resposta às suas emoções. — Diga-me agora e eu vou matá-lo.

Eu ri e, depois, arfei enquanto a Guardiã, que tinha tirado o seu primeiro pedaço de metal do meu ombro, enterrou o instrumento com vigor na parte de trás da minha coxa.

— Você parece querer matar muitas coisas. — respondi entre os dentes rilhados.

— Eu seria capaz de destruir civilizações inteiras para te

*image  
not  
available*

nada sobre isso. É o meu carro.

Feliz por ignorar esta versão bastante intensa de Nial, virei-me para ela. — Obrigada.

— Sem problema. — Ela virou-se e saiu da sala, a enorme porta deslizou, fechando com um zumbido atrás dela.

Comemorei a pequena vitória durante cerca de cinco segundos. Foi então que percebi que estava praticamente nua e completamente sozinha com um guerreiro alienígena que acreditava – muito, muito seriamente – que eu lhe pertencia.

*image  
not  
available*

câmera.

— Fique quieta, Jessica.

Eu tomei o silêncio dela como consentimento e estava satisfeito enquanto caminhava para o fundo da sala. Enchi uma tigela estranha com uma água quente e com sabão e agarrei um pano cinzento suave numa pilha de panos que estava num dos armários.

A varinha ReGen tinha curado a pior parte das feridas, mas eu não conseguia suportar ver tanto sangue na sua pele suave.

Voltei para a maca e mergulhei o pano na água.

— Eu sei que está sobrecarregada. Tanta coisa aconteceu contigo nesta última hora. É uma enorme adaptação. Por ora, você deve, pelo menos, sentir que eu não te desejo nenhum mal. Está segura comigo. Eu não vou permitir que ninguém te toque, muito menos que te machuquem. Permite que eu cuide de ti?

Ela olhou para mim, seus olhos moviam-se sobre o meu rosto, demorando-se no brilho prateado da minha pele, o olhar dela se lançava desde o meu olho dourado para o meu olho prateado antes de pousar na minha boca. Como se ela tivesse percebido que o seu olhar se demorava ali, o foco dela saltou, cheio de culpa enquanto seus olhos se encontravam com os meus e ali ficavam, primeiro, cheios de dúvida, depois, pensativos e, finalmente, determinados. Ela assentiu e eu ajudei-a a se sentar, a maca de exame também estava coberta pelo seu sangue.

Peguei um banquinho com rodinhas para a lateral da maca e puxei o pé dela para a frente, para cima do meu colo enquanto comecei a limpar o sangue que tinha escorrido pela parte inferior da sua perna.

O meu método não era perfeito, mas eu limpei o melhor que podia com toques lentos e gentis. Ela estava permitindo que eu a observasse, que lhe oferecesse a atenção e o cuidado de um parceiro. Isto não era algo sexual, mas para criar uma ligação entre nós muito mais poderosa.

Limpei a perna dela, depois, a coxa. O sangue tinha escorrido pelas costas até a curva do seu traseiro e eu estava de pé,

*image  
not  
available*

— É claro.

Quando Jessica pegou na câmera, puxou dois cabos de um compartimento que estava na parte de trás, que eu não tinha notado antes, e ligou-o ao tablet. Ela perguntou à Guardiã alguma coisa sobre senha da Internet e focou-se totalmente na sua tarefa. As fotografias brilharam sobre a tela enquanto ela fazia o download e dividia-as em categorias, enviando mensagens e todo o resto que ela tinha que fazer. Eu não reconheci nenhuma pessoa ou lugar nas fotografias, não que eu esperasse reconhecer. Também não estava preocupado com eles, visto que nós não ficaríamos muito mais tempo na Terra. Desde que Jessica estivesse segura, eu não tinha problema com ninguém neste planeta. O único macho humano que quis fazer-lhe mal estava morto e tinha morrido nas mãos da Colmeia.

A ameaça da Colmeia já tinha sido resolvida pelo meu segundo, e já não era a primeira vez que eu estava grato pelo conselho do Comandante Deston e de Dare quanto a levar um segundo, e eu estava grato por Ander ter se apresentado. Ele tinha se mostrado digno e a nossa parceira tinha passado por mais perigo do que qualquer um de nós tenha imaginado.

Matar esse prefeito, Clyde, foi a primeira e muito provavelmente única vez que eu ficava satisfeito com o que a Colmeia tinha feito. Eu não teria me importado de terminar a tarefa de matar o humano por mim mesmo. Ele tinha ferido a minha parceira, que era a única coisa que me preocupava.

E essa única coisa que me preocupava estava, agora, escrevendo uma mensagem na tela plana do tablet que a Guardiã lhe tinha dado. O meu dispositivo de comunicação da Terra tocou e eu cliquei no auricular e esperei pelo som vazio e estranho do nada.

— Fale.

— Chego ao centro de processamento em dez minutos. Como está a nossa parceira?— A chegada de Ander era boa notícia. Quanto mais depressa ele chegasse, mais depressa poderíamos levar a nossa parceira em segurança para fora deste planeta.

*image  
not  
available*

animal, pode simplesmente perguntar à Guardiã Egara sobre as taxas de sucesso do programa de emparelhamento. O que quer que escolha acreditar, lembre-se disto: Eu sou o teu parceiro e você é minha. Eu sempre virei te buscar. Eu sempre irei te proteger. Eu sempre irei desejar. Assim como Ander, o teu segundo.

Ela franziu a testa. — Que segundo?

— Como teu parceiro primário, é o meu direito e honra escolher um segundo guerreiro para te amar e proteger. Ander é feroz, um dos guerreiros mais fortes que já vi. Ele por si só já era digno de ser teu segundo.

— Segundo parceiro? Quer dizer que... — Sua boca abriu-se, as palavras saíam meio formadas enquanto a verdade das minhas palavras atingiam-na. Ela olhou para mim em negação. — Quer dizer que o sonho que tive era real e...

Agarrei-a com mais força, puxando-a para mais perto enquanto o meu polegar se movia para traçar a parte interna do seu lábio e explorar os cantos úmidos da sua boca. — Você tem dois parceiros, Jessica. Todas as noivas Prillon são honradas e presenteadas com dois guerreiros fortes que irão cuidar dela e protegê-la.

— Por quê?

Eu beijei a sua testa, incapaz de resistir prová-la. — Nós somos guerreiros. Somos os mais fortes entre os planetas membros da Aliança. Estamos sempre nas linhas de frente na guerra contra a Colmeia. Nós lutamos. Nós morremos. Não é costume nosso deixar uma parceira ou filhos desprotegidos.

— Então, como é? Vocês me fodem um de cada vez? Eu tinha pensado que o sonho era só uma simulação, uma forma de me excitar para o programa de emparelhamento medir as respostas do meu corpo ou... algo do gênero.

Eu beijei a sua têmpora, estimulado por ela não ter me empurrado para trás. — Não, minha noiva guerreira. — Beijei a sua bochecha. — Aquilo que sonhou foi real, embora tenha sucedido com outra parceira Prillon e com os seus homens. Agrada-me saber que ficou excitada com isso, assim como eu.

*image  
not  
available*

depressa demais, iria perder o poder deste momento. Agora, ela estava suave e receptiva ao toque de Nial, ao beijo dele. Eu sentia que se eu não a tocasse muito em breve, iria explodir, mas eu não queria assustá-la. O meu tamanho e aparência já bastariam para assustá-la sem a ajuda infeliz da minha carência sexual muito agressiva insistindo ou rápido demais.

Eu era um homem paciente. Conseguia perseguir um alvo durante dias sem comer ou dormir. Conseguiria esperar mais alguns minutos para provar a bela mulher que seria minha para sempre. *A minha parceira.*

O corpo dela estava deitado ao longo do colo de Nial como se fosse uma oferta aos deuses, tão suave e tão macia. Ela não era pequena, como a parceira do Comandante Deston, e eu estava imensamente aliviado por isso. Ela era grande o suficiente para ter a nós dois, grande o suficiente para tomar-me.

Eu já tinha me oferecido duas vezes como segundo parceiro, mas o meu tamanho e as minhas cicatrizes tinham feito com que os guerreiros temessem que as suas novas parceiras me rejeitassem à primeira vista.

O fato de eu agora estar ajoelhado no chão, diante da minha parceira, parecia algum tipo de sonho, uma fantasia que não podia ser real. O fato de ela o ter aceitado com a sua pele ciborgue, o beijado com tanta paixão, dava-me esperança de que ela também pudesse me aceitar.

Tal como eu, Nial estava danificado, tinha sido marcado pela pele e olho prateados dos ciborgues, e, ainda assim, ela o aceitou, permitiu que ele a tocasse. Sentiu desejo por um guerreiro marcado pelo combate.

Ela não era uma fantasia, mas era feita de carne e osso. Eu conseguia sentir o odor melado da sua boceta molhada, a doçura da sua pele. Eu queria enterrar a minha língua no seu calor cremoso e fazê-la gritar de tanto prazer. Talvez, se eu lhe desse prazer antes de ela olhar para o meu rosto, ela seria capaz de ver além das minhas cicatrizes e não experimentar o horror de olhar pela

*image  
not  
available*

parte de baixo do seu pescoço. O controle dele para com ela deixava-me ainda mais duro. Nós iríamos dar-lhe exatamente o que ela precisava, e ela iria permitir. Ela iria submeter-se.

Nial desceu a sua mão livre para a parte da frente da estranha vestimenta que lhe cobria os seios. Eu observei, fascinado, enquanto um acessório ciborgue saía da ponta do seu primeiro dedo, era uma navalha cortante que ele utilizou para cortar o tecido em menos de um segundo e que depois se recolheu e desapareceu. A vestimenta abriu-se no meio, expondo os seus seios firmes e fartos com mamilos rosa claros. Ela arfou, com uma mão descendo pelo pescoço de Nial para tentar cobrir-se.

Nial envolveu a sua mão ao redor do pulso dela e levantou-a, colocando-a novamente no seu pescoço. Ela cedeu, afundando os seus dedos nos cabelos dele enquanto a mão dele se fechava sobre uma das esferas fartas, dedilhando e brincando com os seus mamilos que já estavam duros.

Eu a fodi um pouco mais rápido e explorei a parte de cima do núcleo dela, procurando pelo ponto sensível que eu tinha lido que as mulheres humanas tinham, um ponto G mítico que lhes dava muito prazer. As paredes internas dela estavam tão escorregadias, tão quentes e comprimiram-se ao redor dos meus dedos quando eu o encontrei...

— Oh, céus.

Jessica afastou rapidamente a sua boca de Nial e olhou para baixo, para o seu corpo. Ela congelou quando me viu ajoelhado ali, com os meus dedos enfiados quase totalmente dentro da boceta dela e a mão de Nial no seu peito.

— Oh, meu Deus.

Ela tentou fechar as pernas, mas eu estava ajoelhado entre elas, os meus ombros obrigavam os joelhos dela a manterem-se abertos. Olhei fixamente para ela enquanto retirava lentamente os meus dedos e deslizava-os novamente para dentro dela, bem no fundo, esfregando ao mesmo tempo o ponto G, que eu sabia que iria deixá-la louca.

*image  
not  
available*



# Jessica

EU ESTAVA TENDO O SONHO MAIS MARAVILHOSO DE TODOS. Quente e confortável, a minha cama era uma mistura entre maciez e firmeza. Esfreguei meu rosto no meu travesseiro e o cheiro que subiu, um cheiro sombrio e amadeirado, me fez sorrir. Uma mão acariciou a minha barriga nua em círculos lentos e simples. Foi tão bom que eu senti que derretia e um suspiro de satisfação saiu num sussurro pelos meus lábios.

— Eu não vou começar o exame dela até ela acordar.

Eu endureci. Eu conhecia aquela voz. Era a voz de Nial. Mas um desconhecido respondeu:

— Eu compreendo, príncipe, mas um atraso é perigoso. Os outros podem sentir o cheiro dela.

— Ela cheira a Ander e a mim. O nosso sêmen está nela.

— Independentemente disso, não é o suficiente. Ela cheira a uma mulher não acasalada e não tem o colar.

A conversa era alarmante, mas eu não queria acordar. Não queria abrir os meus olhos ou sair do meu local de prazer. E não queria lidar com um exame ou com desafios. Não queria acordar e